# POESIA PARA JOVENS LEITORES

José Hélder Pinheiro Alves – UFPB/DL

## Encontros com a poesia

Diferentes são os caminhos que nos levam à poesia. Um professor que estimula, um amigo leitor, o exemplo dos pais, a visita a uma biblioteca, uma agenda com pensamentos e poemas, um ator que recitou poema tal, um poema musicado, a canção popular, um trabalho escolar, de início indesejado, e tantos outros que nem sequer consigo imaginar. Para mim a poesia chegou pelas ondas do rádio, ouvindo emboladores numa rádio da Paraíba. Depois continuou através de cordéis recitados por familiares, moradores da região e pelo avô que fazia quadras (que ele chamava *repente* ) com os nomes das pessoas.

Os diferentes caminhos que podem nos levar à poesia não devem estimular o espontaneísmo na prática docente com o poema em sala de aula. Qualquer destes caminhos pode levar a muitos lugares ou a lugar nenhum. Daí que acho imprescindível que a escola tenha instrumentos para favorecer o acesso à arte em geral e à poesia o caso em questão neste momento. Isto é, precisa-se de *método* de de abordagem do poema e de um *projeto educativo* que tenha na poesia um de seus parceiros.[1] O grande veículo da poesia, não há o que discutir, é o livro. Outros lhe são colaboradores: discos e Cds com poemas recitados, vídeos, programas de TV, festivais de poesia, encontro com escritores e tantos mais. Mas o livro é o companheiro de todas as horas e dos mais diferentes lugares. Precisaríamos como que recuperar um espécie de culto ao livro. Quero dizer: precisamos cultivar o encontro com o livro como se cultiva um planta. Regá-la adequadamente, cuidar para que tenha a luz necessária, podá-la para que cresça saudável. Esta mercadoria é capaz de esconder em si elementos que a diferencia de tantos produtos descartáveis.

A pergunta que sempre me persegue é: como levar a poesia aos jovens leitores? Que métodos, que instrumentos utilizar, em que momento ou circunstâncias ela poderá ser melhor vivenciada? Estas questões me parecem esquecidas da maioria de nossos professores, das escolas, dos pais, de educadores em geral. Não creio que as respostas sejam definitivas. Não acredito que um dia teremos um saco de respostas prontas – o que seria muito pouco poético. Cada situação, cada turma, cada momento histórico

há de exigir de nós procedimentos diversos. Portanto, a preocupação não deve ser substituída por receituário, nem tampouco por uma busca frenética por novidade, pela última moda. Uma boa receita pode nos indicar o caminho para a cura de uma doença, mas sabemos que o organismo, com o tempo poderá se acostumar com o medicamento. Mais que receitas, precisamos desenvolver e assumir algumas posturas quanto à leitura do poema e a leitura em geral. Atrevo-me a sugerir algumas destas posturas ao professor que deseja, em diferentes situações, levar a poesia a seus alunos: 1) não se fixar, de modo absoluto, no que deu ou não certo em experiências anteriores; 2) não buscar resultados imediatos e visíveis – nesse campo há coisas sutis que nem sempre vemos; 3) ter constância no trabalho – é melhor ler diariamente um poema com seus alunos do que realizar um "festival de poesia" e no resto ano ela ser esquecida; 4) priorizar a leitura à criação - precisamos de "amadores da poesia", nos lembra Drummond [2] - e, por último, 5) é imprescindível que o professor seja um leitor de poesia.

Muitas outras questões relativas à divulgação da poesia junto aos jovens leitores poderiam ser levantadas. Duas valem ser lembradas. A primeira é o problema da realização oral do poema. Acredito que uma leitura bem treinada, expressiva é um instrumento dos mais úteis para apreciação da poesia pelos jovens leitores. [3] O segundo, é o problema da qualidade estética dos poemas. Nossa tradição lírica é rica em grandes poetas que podem e devem ser levados aos jovens. Mas que livros, que antologias indicar? A maioria de nossos professores, por razões diversas, conhece quase somente a ração do livro didático. Eis um problema sério. O mercado livreiro está atento ao problema e aos dividendos que isto pode lhe oferecer. Já passa de uma centena o número de livros de poemas escritos nos últimos vinte anos dedicados a crianças e adolescentes. [4] Se estamos acompanhando esta produção, como distinguir o que é mero jogo comercial e o que tem qualidade estética? Creio que há dois caminhos: 1) a discussão dessas obras no âmbito de cada escola, da Universidade e outros espaços; 2) o crivo do gosto individual guiado pela experiência de leitores de poesia. Os dois caminhos têm os seus problemas também, mas o problema maior é engolir tudo que o vendedor de livro nos traz e adotar obras sem o mínimo critério (este é um problema mais das escolas particulares, uma vez que na absoluta maioria das escolas públicas a possibilidade de uma adoção é totalmente descartada).



## Alternativas

Um alternativa possível que facilitaria o acesso à poesia é a confecção de antologia de poemas por autores. Este caminho cada professor, em tese, poderia seguir. Para leitores adolescentes, antologia é uma boa porta de entrada. Muitos poemas de Drummond, Bandeira, Vinícius, José Paulo Paes, e tantos outros grandes poetas poderiam ser levados ao conhecimento desses jovens leitores. A partir dela o aluno tem acesso a bibliografias, a obras mais completas e complexas. Aceitará alguns poetas, rejeitará outros, mas terá um conhecimento mínimo. Creio mais na antologia que o próprio professor, que conhece minimamente seus alunos, elabora. E a cada ano poderá ampliá-la, diminuí-la, convocar novos autores. No Brasil não temos uma grande tradição de antologias de poemas dedicada jovens leitores. As mais antigas, organizadas por Henriqueta Lisboa e Mário da Silva Brito estão fora do mercado. Recentemente tivemos o lançamento de uma antologia temática de excelente qualidade: trata-se de *Poesia fora da estante* [5], coordenada por Vera Teixeira Aguiar, professora da PUCRS. Mas a distribuição tem deixado a desejar. Há uma coleção da editora Global, "Os melhores poemas [6]" que pode ser muito útil no segundo grau. Mas estou pensando aqui naquela idade intermediária que vai mais ou menos da sétima série do primeiro grau à primeira do segundo. Uma antologia com que trabalhei com alunos desta faixa e que foi sempre muito bem aceita é *Nariz de vidro* [7], de Mario Quintana. De Manuel Bandeira, temos *Berimbau e outros poemas* [8], que está mais próximo do leitor infantil. Recentemente a Record publicou de Drummond.... Outros dois livros publicados, *A senha do mundo* e *A cor de cada um* [9], embora úteis, estão longe de oferecer ao jovem uma boa amostrar de nosso grande poeta.

## Um Exemplo Significativo

Em meio a escritores vivos e em constante produção, destaco a obra do gaúcho Sérgio Caparelli. Sua produção poética para criança é das mais significativas e ultimamente tem incursionado pelo que vou chamar de poesia para adolescentes [10]. Sei dos limites da denominação. Quero chamar a atenção para o fato de Caparelli em pelo menos duas de suas obras ter como matéria de seus poemas experiências de jovens adolescentes: seus conflitos, paixões, desejos, afetos, fobias, insegurança. O modo de tratar esta matéria é que diferencia o trabalho do poeta gaúcho. Ou seja, o nível

póetico alcançado confere a seus poemas um destaque no quadro geral da poesia produzida para leitores jovens. Para não ficarmos nas generalizações, comentaremos seu *33 ciberpoemas e uma fábula virtual.*

A novidade do livro está indicado no título que fala de "ciberpoemas" e "fábula virtual". O vocabulário é em grande parte recolhido do universo da computação. E ele se amplia a cada novo poema lido: "bits", "bips", "bytes", "e.mail", "gigabytes", "CD-Rom" e tanta outras. Também são comuns os neologismos sempre muito bem cunhados, como "sexovias", "compunaves", "ciberluas". Até aqui, quem não leu o livro, poderia pensar que se trata de uma atitude neo-futurista ou coisa que o valha. E se pensou assim, se enganou. A grande sacada de Caparelli está em que todo o universo da computação foi recolhido para expressar experiências afetivas, desejos, anseios, carinho, pulsões eróticas. Ou seja, o mundo da técnica como que foi humanizada pelos sentimentos de um lírico que se expõe. Este procedimento parece-me ligado a uma tradição das mais fecundas de nossa lírica: Oswald de Andrade, em sua "Balada do esplanada", já nos ofertava esta pérola em que o objeto do progresso se torna veículo dos desejos do poeta: *Oferta // Quem sabe/ Se algum dia/ Traria/ O elevador / Até Qui / O teu amor* . Também a distribuição dos poemas no corpo da página, sobretudo a composição dos títulos dos poemas, aliam-se aos ganhos visuais conquistados pelas vanguardas concretistas. O diálogo também se faz com a lírica drummondiana, explicitamente em "O anjo pálido" que retoma "O poema de sete faces".

Para o leitor beber na própria fonte e possivelmente confirmar as afirmações que vimos fazendo, apreciaremos alguns poemas do livro. O primeiro, de rica sonoridade, como que mimetiza a força do amor em seu estado selvagem, ainda não domado:

Bit **selvagem**

viro reviro
me atiro
tomo vacina
aspirina estricnina
sigo minha sina
saio em viagem
caio em voragem



faço bobagem

teu amor
tem bit
selvagem

A sonoridade do poema – as assonâncias do *i* que percorre todo o poema como uma espécie de contaminação, as rimas, a sonoridade interna (*sigo, saio, caio* ) - os versos curtos, sem pontuação pedem uma leitura rápida, diria mesmo voraz. É que o poema, ao representar a experiência inquietante da paixão, o faz de um modo também voraz. Podemos divisar neste poema certos movimentos que correspondem a fases do desacerto que o amor produz. Os dois primeiros versos nos remetem à agiração que domina o eu lírico; os versos 3 e 4 aludem à doença e necessidade de cura; o "sigo minha sina" remete-nos à idéia de destino, do inexorável, daquilo de que não se pode fugir; já o verso 6 retoma os movimentos iniciais: viajar é aventura de apaixonados (não só) – correspondidos ou não; o verso 8 indicia a idéia de abismo/queda e o último verso dessa estrofe é o resultado de toda esta convulsão: "faço bobagem" (não sabem qual). A junção final de *amor – bit – selvagem* aproxima o humano, o mecânico e a dimensão mais animal. Este rápido percurso – quase paródico – é para chamar a atenção para a riqueza do poema que não ficou no mero jogo de palavras. Trata-se de uma experiência forte, avassaladora expressa de um modo sugestivo que nos possibilita apreender vários sentidos.

O verbo navegar, cunhado pelo universo da computação, é convocado num diálogo lírico, em que a alma apaixonada "faz declarações de amor":

**Navegando em rede**

Cibernauta de mar aberto,
por que navegas tão perto?

Faço declarações de amor,
em rede, pelo computador.

Cibernauta de mar bravio,
por que navegas no frio?

Esse frio não enregela
o canto que fiz para ela.

Cibernauta, muito cuidado,
com um *bit* equivocado.

Trago, em meio à tormenta,
carinhos sabor de menta.

Como se pode observar, o poema é composto por dísticos independentes em que temos pergunta/questão e resposta do Cibernauta. Novamente aqui o cruzamento de vocábulos de campos semânticos distintos que se ajuntam para expressar a experiência do navegante. O tema do amor está posto em todo o poema e é uma excelente porta de entrada para aproximar a poesia de leitor jovem.

Por último, observe neste poema que o poeta nos faz reencontrar a tradição da *ave maria* tocada às dezoito horas nas igrejas, agora articulada à experiência individual. E o faz de um modo apaziguado.

Comp Atível

O CD-Rom
Formata o fim do dia
Entoando a Ave Maria
De Schubert

Acretido que os poemas comentados dão ao leitor uma idéia do diferencial desta rica obra poética em que seu autor soube dar expressão adequada à experiência de uma fase da vida e ao fazê-lo transcendeu o universo que serviu de base. O particular tornou-se universal. Por certo não só um adolescente navega "em rede" e faz "declarações de amor / ... pelo computador". O valor deste poemas está sobretudo na sinceridade da expressão das experiências.

O livro de Sérgio Caparelli é singular pela capacidade que teve o poeta de aliar o universo da técnica às experiências humanas. Há poesia onde houver experiências humanas significativas e alguém capaz de dar-lhe expressão adequada. E é preciso redescobri-las a cada instante e comunicá-los aos jovens leitores. Por certo um bom tema ou um tema atual não garante



boa poesia. Mas tratado com sensibilidade, esse tema poderá nos dizer muito de nossas experiências humanas.

## NOTAS:

[1] Ao me referir aqui à necessidade de método não estou pensando em procedimentos de análise de poema. Ou seja, não defendo cursos de teoria literária sobretudo para adolescentes, embora o professor deva conhecer bem alguns dos muitos métodos de análise de poemas e possa usá-los para chamar atenção para determinados sentidos que não foram devidamente percebidos. O método a que me refiro diz respeito a difrentes modos de levar o jovem leitor a perceber a riqueza da linguagem poética sem necessariamente introduzir o leitor num metalinguagem

[2] A expressão é de sua crônica "A educação do ser poético".

[3] A questão da leitura oral não é uma unanimidade. No entanto, para espaço específico da sala de aula creio que ela seja imprescindível. Temos a alegria de indicar alguns CDs com poemas, crônicas e contos interpretados por bons atores brasileiros. Refiro-me à coleção *Poesia Falada* , que já lançou, entre outros, *Fernando Pessoa* por Paulo Autran, *Machado de Assis: poesias, crônicas e contos* por Othon Bastos, *Gregório de Matos* por Nilda Spencer, *Clarice Lispector* por Aracy Balabanian entre tantos outros.

[4] Temos um levantamento de cerca de 120 livros publicos em diferentes pontos do país. A discussão a respeito do valor estético destas obras faz parte de um projeto maior que estamos desenvolvento junto ao Mestrado em Letras da UFPB, na área "Linguagem e Ensino", no campus II, Campina Grande.

[5] *Poesia fora da estante.* Porto Alegre: Ed. Projeto, CPL/PUCRS, 199... (Coordenação: Vera Teixeira Aguiar)

[6] A coleção *Os melhores poemas* , da Global editora, dirigida por Edla van Steen, conta com mais de 30 livros de poetas brasileiros e portugueses e de diferentes estilos de época.

[7] QUINTANA, Mario. *Nariz de vidro.* 7ª ed. São Paulo: Ed. Moderna, 1984.

[8] BANDEIRA. Manuel. *Berimbau e outros poemas.* Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1986 (Seleção de Elias José e ilustrações de Louise Nery)

[9] Os dois livros são da Ed. Record e foram publicados em 1997.

[10] Caparelli publicou para crianças os seguintes livros: *Boi da cara preta.* Porto Alegre: L&PM, 19...; *A Jibóia Gabriela.* (Ilustração: Astrid Munch) Porto Alegre: L&PM, 1984; *Come Vento.* (Ilustração: Big) Porto Alegre: L&PM, 1987. Para adolescentes, temos: *Restos de Arco-íris.* Porto Alegre: L&PM, 1995; *ciberpoemas e uma fábula virtual.* (Ilustração: Marilda Castanha) Porto Alegre: L&PM, 1996.